

## Vivência da gestação, parto e maternidade: percepções de jovens mulheres múltiparas\*

*Marina Zanella Delatorre<sup>1</sup>*

*Ana Cristina Garcia Dias<sup>2</sup>*

*Naiana Dapieve Patias<sup>3</sup>*

Universidade Federal de Santa Maria

O objetivo desse estudo foi compreender as percepções de gestantes jovens múltiparas sobre a gravidez, se esta foi planejada ou não, a experiência do parto, as vivências da maternidade nessa etapa de vida, além da reação à notícia da segunda gestação. Para tanto, foram realizadas cinco entrevistas com jovens que passaram pela experiência de gestação mais de uma vez, que tinham idade entre 16 e 22 anos. A entrevista semi-estruturada abordou diversos aspectos relacionados à gestação, sendo analisadas, através de uma análise de conteúdo temática, as questões foco do estudo. Os resultados demonstram que as vivências da gestação, parto e maternidade no período, apesar de trazerem algumas dificuldades, são consideradas positivas pelas jovens.

The aim of this study was to understand the perceptions of multiparous young women about pregnancy, if this was planned or not, the experience of childbirth, the experience of motherhood at this stage of life, and the reaction to the news of her second pregnancy. For this, five interviews with young people who had the experience of pregnancy more than once, which were aged between 16 and 22 years. The semi-structured interview covered various aspects related to pregnancy, and analyzed through a content analysis of thematic issues focus of the study. The results demonstrate that the experiences of pregnancy, childbirth and motherhood in the period, while bringing some difficulties, are viewed positively by young people.

**Palavras-chave:** Adolescência – Gestação – Maternidade

**Keywords:** Adolescence – Pregnancy – Maternity

### Introdução

A gravidez na adolescência, e até mesmo juventude, vem sendo considerada um problema de saúde pública, em função de uma série de problemas biopsicossociais que se associam ao fenômeno (DIAS & TEIXEIRA, 2010).

\* Experience of pregnancy, childbirth and motherhood: perceptions of young multiparous women

<sup>1</sup> Bolsista BIC-FAPERGS, aluna do Curso de Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>2</sup> Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. Endereço para correspondências: Rua Floriano Peixoto 1750, Santa Maria, RS, 97015-372 (anacristinagarciaadias@gmail.com).

<sup>3</sup> Aluna do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Saúde, Universidade Federal de Santa Maria. Agradecimentos: Os autores agradecem a Fundação de Amparo à Pesquisa do Rio Grande do Sul pela concessão de uma Bolsa de Iniciação Científica.

No entanto, a complexidade do mesmo exige que diversos aspectos sejam considerados, a fim de que se possa obter uma compreensão ampliada sobre a gravidez e maternidade no período. Apesar de diferentes discursos sobre os problemas relacionados à gestação, observamos que as taxas de fecundidade adolescente decrescem com menor intensidade quando comparadas às mulheres de outras faixas etárias (IBGE, 2009).

Segundo a Organização Mundial da Saúde, a adolescência compreende a fase entre os 10 e os 19 anos (WHO, 2009). Quando a gravidez ocorre nesta fase do desenvolvimento, sentimentos ambíguos frente a essa experiência podem ser experimentados, especialmente porque as jovens são convocadas a assumir rapidamente as responsabilidades da maternidade e da vida adulta (BERGAMASCHI & PRAÇA, 2008). A adolescente passa a se olhar e a ser olhada de maneira diferente; desloca-se do papel de filha para o papel de mãe, sendo considerada adulta (MOREIRA et al., 2008).

Esse trabalho pretende compreender as vivências da gestação, do parto e da maternidade, a partir da percepção de mães jovens que gestaram mais de uma vez durante a juventude. Inicialmente, é apresentada uma revisão de literatura sobre o fenômeno das gestações sucessivas durante a adolescência. Em seguida, descreve-se um estudo baseado nas entrevistas de cinco jovens que passaram por essa experiência, dando enfoque a quatro aspectos: a primeira gestação, o parto, a vivência da maternidade, e a reação à notícia da segunda gestação.

### **Gestações sucessivas ou múltiplas na adolescência**

As gestações sucessivas podem ser definidas como a repetição da gravidez. De fato, encontramos várias expressões na literatura para caracterizar a ocorrência desse fenômeno, tais como: multigravidez, múltiparas, multigestas, repetição da gravidez, gravidez reincidente, gravidez subsequente e gestações sucessivas (ROSA et al., 2007).

Surpreendentemente cada vez mais grupos de adolescentes têm apresentado uma segunda, terceira ou até quarta gestação durante a adolescência, a maioria sem ter planejado (PERSONA et al., 2004). Rosa e colaboradores (2007) apontam que a ocorrência do evento é expressiva, sendo relativamente comum observar adolescentes que aos dezenove anos estão na segunda, terceira ou quarta gestação. Esses autores utilizam o conceito de Jacoby e colaboradores (1999) para estudar esse fenômeno, assim “gestações de rápida repetição” são aquelas que ocorrem entre 12 e 24 meses após o parto anterior.

São várias as situações que tornam as adolescentes vulneráveis à experiência de maternidade sucessiva. Dentre elas, Rosa (2007) destaca os fatores de ordem biológica (precocidade da menarca, primeira relação sexual ou abortos),

## **Vivência da gestação, parto e maternidade: percepções de jovens mulheres múltiparas**

*M.Z. Delatorre, A.C.G. Dias & N.D. Patias*

psicossociais (história familiar de gravidez na adolescência, ausência do pai, abandono escolar), afetivos (namoro, parceria sexual fixa, união, parceiro que deseja um filho, fatores de ordem econômica) e fatores relacionados ao uso inadequado ou de dificuldades de acesso às tecnologias de saúde (ausência de consulta médica após parto, uso inadequado de contraceptivos).

No entanto, poucos trabalhos exploram a temática de modo consistente. Na maioria das vezes, o tema se encontra disperso ou apenas citado em estudos sobre a gestação na adolescência (ROSA et al., 2007). Desta forma, torna-se relevante estudar e ampliar o conhecimento sobre o assunto, investigando os significados atribuídos ao fenômeno que levam as adolescentes e jovens mulheres a passarem por essa experiência, que muitas vezes não é planejada.

### **Método**

Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com cinco gestantes jovens que tinham idades entre 16 e 22 anos no momento da entrevista e que vivenciaram sua primeira gestação entre os 13 e 18 anos, ou seja, na adolescência. Os dados foram coletados entre setembro/2009 e maio/2010, em unidades básicas de saúde na cidade de Santa Maria, RS. Desta forma, foram entrevistadas gestantes que residiam em uma região onde habitam pessoas, em sua maioria, com baixo poder aquisitivo. As entrevistas foram posteriormente transcritas e submetidas à análise de conteúdo temática.

No que diz respeito aos aspectos éticos, as participantes foram previamente informadas dos objetivos e procedimentos do estudo, sendo explicitado o caráter voluntário da participação. Após concordarem com a participação foi assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que continha todas as informações pertinentes ao estudo. Destaca-se que o projeto de pesquisa foi aprovado pelo comitê de ética da Universidade de Santa Maria, sob nº CAAE 0179.0.243.000-9, conforme resolução 196/96 do Ministério da Saúde. Os nomes das participantes foram trocados na apresentação dos resultados.

### **Resultados e discussão**

#### *Reação à notícia da gravidez*

A primeira gestação durante a adolescência pode ter sido comemorada e planejada, uma vez que algumas jovens demonstraram claramente o desejo de ter um filho. No entanto, nem sempre pareceu estar claro, para as participantes, o que representava ter um filho em termos de responsabilidade.

Pra mim foi bom... Fiquei muito feliz... A minha primeira gravidez foi bom, foi uma coisa planejada. Foi uma surpresa pra mim também porque dois anos que eu não conseguia ficar grávida (Ágata, 19 anos, esperando o segundo filho).

Vale ressaltar que todas as jovens entrevistadas eram provenientes de famílias residentes em zona com um baixo poder aquisitivo. Em contextos em que os recursos econômicos e culturais são mais precários, as jovens, frequentemente, possuem menos opções de escolha acerca do seu futuro em termos de escolaridade e profissionalização. Assim, a maternidade parece ser um dos únicos projetos viáveis para formar a própria família (PANTOJA, 2003) e obter um reconhecimento social associado ao *status* adulto (DADOORIAN, 2003); além de poder representar uma forma de “fugir” de um ambiente familiar hostil ou repressor (HOGA et al., 2010).

*Como foi que tu ficou grávida pela primeira vez?*  
Ah, é que foi assim, começo porque eu namorava escondido, meu pai não queria, daí foi, daí a gente acabou fazendo, até mesmo pra gente podê fica junto... Daí foi que eu engravidei, a gente casou, daí né... e aí, pra fica junto, mesmo. *O quê que tu sentiu?* Ah, eu fiquei facera, porque eu queria, né... então fiquei feliz... Com o pai a gente não podia sair, a gente tinha hora pra dormir, tinha hora pra acordar, sabe. Assim, sair era só se saía com eles... era assim... tinha aquelas proibição, assim, era só mais de casa pro colégio, do colégio pra casa, de casa pro colégio, do colégio pra casa. Sair era muito difícil, só se fosse com eles (Esmeralda, 16 anos, esperando o segundo filho).

Por outro lado, nem sempre a gestação ocorreu em função de um planejamento ou desejo. Pôde-se observar, nos relatos, que apesar das adolescentes terem uma vida sexual ativa, não existiam medidas contraceptivas para evitar a gestação. Na literatura, são apontadas algumas razões para o não uso de métodos contraceptivos por adolescentes: a negação da possibilidade de engravidar, o receio de assumir publicamente uma vida sexual ativa, o caráter casual das relações sexuais, a falta de informações sobre métodos contraceptivos (SOUZA & GOMES, 2009), as questões de gênero como submissão ao parceiro e o desejo de engravidar (ALVES & BRANDÃO, 2009).

Em ambos os casos analisados, com ou sem planejamento da gestação, percebe-se que a experiência de ter um filho modifica a vida da adolescente.

## Vivência da gestação, parto e maternidade: percepções de jovens mulheres multíparas

M.Z. Delatorre, A.C.G. Dias & N.D. Patias

Algumas das jovens entrevistadas, ao descobrirem a gravidez, se sentiram tristes ou apavoradas frente a esse evento. Relatam que foi necessário um tempo para se acostumarem ao mesmo. As falas a seguir referem esses aspectos:

*Como foi que tu ficou grávida pela primeira vez? Foi tudo escondido, não tomava remédio e acabei engravidando. Como é que tu se sentiu com a notícia? Me senti ruim, porque eu nunca tive filho, nunca... não sabia o quê que era ser mãe. Aí depois eu me acostumei (Jade, 17 anos, esperando o terceiro filho).*

*Aí, eu escondi da minha mãe, daí eu tentei abortar, pensei em abortar, mas não tive coragem (Pérola, 22 anos, esperando o segundo filho).*

Percebe-se que a reação à gestação foi, de uma forma geral, negativa quando a gravidez não havia sido planejada ou desejada. Uma das jovens relata a possibilidade do aborto, que não foi efetivado. Assim, por mais que a reação inicial possa causar estranhamento e a percepção de que não era a idade adequada para ter um filho, todas as jovens deste estudo foram adiante com sua gestação, e hoje são mães. Lembramos que hoje estão vivenciando uma segunda ou terceira gravidez, apesar de indicarem que não planejavam gestar pela primeira vez.

De fato, tanto os familiares como as adolescente grávidas demonstram uma reação inicial de choque ante a consumação da gravidez, o que indica que essa não é uma experiência esperada durante a adolescência (GONÇALVES & KNAUTH, 2006). No entanto, com o passar dos meses, a gestação passa a ser aceita, sendo uma forma de mobilizar a família frente às necessidades da gestante e do bebê (SILVA & TONETE, 2006).

Considera-se que a reação diante da notícia da gestação depende de vários fatores, dentre eles, o planejamento ou não da mesma e os planos para o futuro da gestante. Observou-se que as gestações planejadas eram acompanhadas de uma reação positiva; contudo, mesmo nesses casos, verificaram-se sentimentos ambivalentes.

*Aí, eu escondi da minha mãe, daí eu tentei abortar, pensei em abortar, mas não tive coragem... eu decidi ter ela foi quando eu ganhei o primeiro presente, me deram um sapatinho de nenê. Aí, daí eu chorei, porque antes eu queria abortar né, aí eu guardei aquele sapatinho, fiquei mais de, acho que fiquei mais de mês com ele guardado, escondido na gaveta (Pérola, 22 anos, esperando o segundo filho).*

Para alguns autores (FRIZZO et al. 2005; SABROZA et al., 2004), este sentimento de felicidade gerado pela gestação pode ser explicado considerando a gravidez e maternidade como projeto de vida para as jovens, bem como uma tentativa de reconhecimento social. Um estudo realizado por Piccinini e colaboradores (2008) também aponta para a satisfação com relação às mudanças corporais, já que essas evidenciam a maternidade tão desejada, e as transformações psicológicas associadas a essa, como a sensação de estar se tornando adulta. Esses sentimentos também foram descritos por algumas gestantes desse estudo.

#### *Percepções a respeito do parto*

No que diz respeito ao parto da primeira gestação, na maioria dos casos, não foram relatadas dificuldades em relação a esse momento. As cinco gestantes entrevistadas tiveram parto normal.

*E o parto, como é que foi? Foi normal. Como é que tu te sentiu, o quê que tu achou do parto? Bem, não é tudo aquilo que falamos, de fazer escândalo (risos) (Rubi, 22 anos, esperando o segundo filho).*

Apenas duas gestantes relataram algumas dificuldades antes do parto, o que pode ser atribuído à suas idades na ocasião (14 e 13 anos, respectivamente). Essas se configuravam em gravidez de risco, em função da imaturidade biológica dessas adolescentes.

*E o parto como é que foi, ganhar o bebê, na primeira gestação? Era gravidez de risco na primeira. Aí no fim daí correu tudo bem. E o teu segundo parto, como é que foi? Foi normal. Melhor que o do outro, o outro já era com risco, e esse não. Qual a diferença, assim, que tu notou de um parto pra outro, tu acha que teve? É que no outro eu passava toda hora indo no médico, de duas em duas horas, tinha que tá com o aparelho na barriga. E do segundo já não, não era de risco, daí (Jade, 17 anos, esperando o terceiro filho).*

Em contraposição, houve um caso em que a mãe, quando do nascimento do primeiro filho, relatou continuar suas atividades normais do dia-a-dia até o fim da gravidez.

*Ah, eu graças a Deus da gestação dela não tem o que reclamar, foi ótimo assim, e o parto também foi ótimo, eu trabalhei até os nove meses. Trabalhei,*

## **Vivência da gestação, parto e maternidade: percepções de jovens mulheres multíparas**

*M.Z. Delatorre, A.C.G. Dias & N.D. Patias*

caminhava bastante, não tive problema nenhum né. Aí deu tudo certo na gestação, eu fiz parto normal, né. E o quê que tu achou assim, do teu parto? Ai, eu tô louca que desse daqui seja igual o do primeiro, porque não teve trabalho nenhum, né. E foi bem rápido, assim, eu baixei hospital só no final, depois eu fiquei quatro horas, acho que foi em questão de uns dez minutos que eu ganhei, entrei na sala, daí eu ganhei de parto normal, tudo. Aí depois já saí andando, então é melhor que cesariana (Pérola, 22 anos, esperando o segundo filho).

Alguns autores destacam que intercorrências clínicas como pré-eclâmpsia, infecção do trato intra-uterino, anemia, prematuridade, além de baixo peso ao nascer são mais encontradas em gestantes adolescentes do que gestantes adultas (MAGALHÃES et al., 2006; MAUCH et al., 2005; SANTOS et al., 2008). No entanto, os resultados obtidos neste estudo não indicaram tais complicações entre as entrevistadas.

Cabe ressaltar, contudo, que essa não é uma amostra representativa e as gestantes entrevistadas freqüentavam regularmente o serviço de acompanhamento pré-natal das UBS. Pode-se pensar, como apontado por alguns autores (SANTOS & CARVALHO, 2006; SANTOS et al., 2008; YAZLLE, 2006) que os maiores riscos obstétricos não sejam fruto de uma imaturidade biológica, mas sim da ausência ou início tardio dos cuidados pré-natais. Dessa forma, podemos considerar que a ausência de complicações pode dever-se ao fato de que as jovens entrevistadas tiveram acompanhamento pré-natal adequado. Ressalta-se aqui a importância desse cuidado, bem como a presença de apoio social e financeiro, durante a gestação, durante o parto e após esse.

Daí ele me apoiou, eles me apoiaram, eu morei com eles, fiquei morando com eles. Daí eu me separei do pai da minha filha, e no final da gravidez que a gente conseguiu ficar junto. Mas tão sempre do meu lado, o pai tá sempre do meu lado (Pérola, 22 anos, esperando segundo filho).

Pode-se pensar que a gestação neste período pode intensificar conflitos próprios da adolescência (tais como a própria construção da identidade), já que a gravidez, por si só, é um período que se associa a grandes transformações na identidade feminina (MALDONADO, 1994). Considera-se que há uma superposição de crises, onde os conflitos da adolescência somam-se às modificações trazidas pela gravidez (BERGAMASCHI & PRAÇA, 2008).

Nesse contexto, o apoio recebido pelas gestantes, tanto de sua família quanto da rede social, em geral, torna-se de suma importância para atenuar a instabilidade emocional, que pode estar presente neste momento na vida da adolescente. A família é indicada por diversos estudos (JUSSANI et al., 2007; MOREIRA & SARRIERA, 2008; LEVANDOWSKI et al., 2008) como a principal provedora de apoio instrumental e afetivo da gestante, sendo a mãe a principal figura a oferecer esse apoio. Neste estudo, as gestantes entrevistadas demonstraram que a gestação foi acolhida pelas suas famílias e companheiros.

Reagiram bem, todo mundo ficou feliz (Ágata, 19 anos, esperando o segundo filho).

Ah, ele [o companheiro] ficou faceiro, né, e ao mesmo tempo nervoso porque a gente namorava escondido, coisa e tal... daí... mas bem, pegou e falou com o pai, foi ele que contou pro pai que eu tava grávida, né... (Esmeralda, 16 anos, esperando o segundo filho).

#### *Sentimentos vivenciados pela maternidade*

Todas as mães, ao mencionarem o sentimento provocado pela maternidade, referem este como algo bom e positivo. Os sentimentos mais citados foram: “felicidade”, “emoção” e “responsabilidade”. Esses sentimentos parecem ser reforçados pela idéia de que o filho é um pedaço delas mesmas, um ser humano gerado por elas.

Ah, não sei assim, quando eu vi o rostinho dele assim foi maravilhoso, né, porque essa coisinha que se gerou dentro da gente... muito tranqüilo, assim, e ele é um bebê calmo, sempre foi. Então foi aquela felicidade pra todo mundo, né. O primeiro filho, o primeiro neto... foi só felicidade (Esmeralda, 16 anos, esperando o segundo filho).

Outros estudos também demonstram que os sentimentos vivenciados pelas adolescentes frente à maternidade são, predominantemente, positivos. A percepção do filho como propriedade (SANTOS & SCHOR, 2003) ou como uma conquista (PICCININI et al., 2008), que preenche uma carência afetiva experienciada, é responsável por esses sentimentos positivos. Além disso, muitas vezes, a vida da menina passa a ser centrada na figura do filho, o que confere um sentido à sua existência (GONTIJO & MEDEIROS, 2008; LEVANDOWSKI et al., 2008).

## Vivência da gestação, parto e maternidade: percepções de jovens mulheres multíparas

M.Z. Delatorre, A.C.G. Dias & N.D. Patias

Por outro lado, as mães entrevistadas nesta pesquisa relataram, assim como em outros estudos (PICCININI et al., 2008; BERGAMASCHI & PRAÇA, 2008), que ter um filho gera preocupação, pois associa-se à idéia de maior responsabilidade.

Ah, cuidar dela é sempre uma preocupação, né, porque a gente... eu sei o que ela sente tudo, sabe... (Ágata, 19 anos, esperando o segundo filho).

Nota-se que as jovens apresentam concepções tradicionais de maternidade. Ter um filho é considerado uma experiência fundamental para perceberem-se e serem percebidas como mulheres (em contraste a serem apenas filhas ou meninas). Ser mãe, para elas, representa *status* social, pois a parentalidade relaciona-se à idéia de ser adulto, ter mais liberdade e estar em uma família nuclear (com pai, mãe e filho) (ARIÈS, 1981; BADINTER, 1985).

Antes de eu ganhar ela eu morava com a minha vó, então assim... sempre eu dependia de alguém, né. E daí agora eu tenho uma pessoa que depende de mim, né, precisa de mim (Rubi, 22 anos, esperando o segundo filho).

É um privilégio de ser mãe, de ter a minha liberdade também, né. Porque quando eu morava com o meu pai, meu pai é muito... daqueles bem antigo, sabe, proibia tudo, não podia fazer nada, não podia sair. Então era... aí depois que eu ganhei ele, que eu casei eu tive a minha liberdade porque ele nunca me atrapalhou de fazer nada, né. Tanto meu esposo, tanto quanto ele [o bebê], nunca me proibiu, assim de fazer nada (Esmeralda, 16 anos, esperando o segundo filho).

Parece que para as jovens mulheres entrevistadas a transição para a vida adulta passa pela adoção de dois papéis tradicionais, que freqüentemente estão presentes nessa fase do desenvolvimento, em nossa sociedade – o papel de esposa e o papel de mãe (GUERREIRO & ABRANTES, 2005). Portanto, casar ou “morar junto” com um companheiro, e ter um filho do mesmo, possibilita essa transição para o *status* adulto.

*Como que tu se sentiu, no teu primeiro filho, depois do parto, assim, como mãe, como é que foi a sensação?* Depois que eu ganhei, assim, eu me senti bem.

Já com uma criança nos braços sabendo que eu era, já era mãe. Foi uma sensação boa (Jade, 17 anos, esperando o terceiro filho).

No entanto, apesar da representação de maternidade na adolescência como algo que vai garantir a independência dos pais, percebe-se que, após o nascimento do bebê, muitas das jovens mães recorrem ao apoio dos pais, especialmente nos casos em que há um abandono por parte do companheiro (GODINHO et al., 2000; PANTOJA, 2003). Nessas situações observamos que o que ocorre, de fato, passa a ser uma maior dependência financeira e até instrumental da família de origem, na medida, em que os pais da jovem, especialmente a mãe (avó), passa a auxiliar nos cuidados do bebê (SILVA & TONETE, 2006).

É, eu morava com eles [os pais], eles “bendizê” me sustentavam, tanto eu quanto ela. As fraldas também eles ajudavam assim, a comprar as coisas (Pérola, 22 anos, esperando o segundo filho).

Além disso, as jovens mães, desde a gestação, podem desistir da escola, apresentando, após o nascimento do bebê, maior dificuldade de inserção no mercado de trabalho. Isso associa-se à permanência em uma situação sócio-econômica desfavorecida, o que faz com que a jovem mãe retorne novamente ao lar, em busca de auxílio financeiro e apoio dos pais (ESTEVEZ & MENANDRO, 2005; OLIVEIRA, 2005).

As cinco gestantes entrevistadas não freqüentavam a escola no momento da entrevista, sendo que duas delas relataram ser a gestação o motivo do abandono da escola. Destas, apenas uma delas já havia completado o ensino médio, e outra declarou pensar em retomar os estudos após a gestação.

*Como é que foi a sensação, o sentimento de mãe?*  
Ah, eu não sei... de mãe, é bem... Ai, é bom, é maravilhoso assim, né. É uma coisinha que tá, que tu sabe que é tua e que, era depender de mim eu cuidar. Claro, tive ajuda da minha mãe, do meu pai, mas o que eu podia fazer pra ela eu fazia tudo, dava banho, lavava a roupa dela, cuidava super bem dela. Então é diferente, tu vê que não é um brinquedo, que é uma coisa pro resto da vida, assim. É diferente de quando eu brincava com as minhas bonecas, assim. Não tem descanso, é pra sempre (Pérola, 22 anos, esperando o segundo filho).

## Vivência da gestação, parto e maternidade: percepções de jovens mulheres múltiplaras

M.Z. Delatorre, A.C.G. Dias & N.D. Patias

É interessante notar a insegurança provocada pela maternidade nos primeiros dias com o bebê. Percebe-se, no relato a seguir, que isto causava nervosismo e certa confusão entre os sentimentos do bebê e os próprios:

*Como é que tu se sentiu, assim, como mãe, quando tu viu o teu bebê? Ah, é uma coisa diferente porque nos primeiros meses ela chorava, eu chorava junto com ela, ela sentia alguma dor eu já ficava bem nervosa. Agora é normal, eu já tô bem mais calma, já tô mais acostumada (Ágata, 19 anos, esperando o segundo filho).*

Esta insegurança vivenciada pelas jovens frente à maternidade também é descrita por outros estudos. Por exemplo, no estudo de Piccinini e colaboradores (2008), esse sentimento encontra-se relacionado à possível incapacidade de exercer a maternidade, à ocorrência da dependência mútua vivida entre mãe e bebê e à perspectiva de cuidados e de educação que deverão ser ofertados ao bebê. Bergamaschi e Praça (2008) destacam que os cuidados diários com o bebê são a principal fonte de insegurança em jovens mães, o que as leva a realizarem uma dedicação exclusiva ao bebê, após o nascimento do mesmo.

Considerando tais mudanças provocadas pela maternidade na vida das jovens mulheres, tanto no aspecto cotidiano quanto em relação ao status de mãe obtido, busca-se compreender como foi recebida a notícia da segunda gestação.

### *Reação à notícia da segunda gestação*

A segunda gestação, na maioria dos casos, não foi planejada. A reação das jovens ao evento foi de preocupação, desconforto e susto. Fatores como o medo da perda do emprego, da atenção ao outro filho e da falta de recursos econômicos para o sustento do novo membro da família pareceram influenciar nessa reação.

*Por a gente não ter muita condições, sabe, não ter uma casa com espaço e coisa, foi uma... como é que eu vou te dizer, não foi assim, uma notícia ruim, sabe... foi uma notícia, assim, que deixou a gente bem preocupado, tanto a minha família como nós, né, o pai do bebê, eu e o meu marido, porque na questão de a gente não ter muita condições, entendeu? (Ágata, 19 anos, esperando o segundo filho).*

*Como que foi pra ti descobrir essa segunda gestação? Foi um descuido, também... foi por um descuido. Como é que tu se sentiu quando soube, recebeu a notícia? Me senti meio desconfortável como mãe. Do primeiro já foi um choque... (Jade, 17 anos, esperando o terceiro filho).*

No entanto, o não planejamento da gestação não significa, necessariamente, que esta não era desejada. Uma das gestantes referiu que o segundo filho, apesar de não ter sido planejado, estava previsto nos planos futuros do casal, tendo ocorrido apenas um pouco antes do esperado.

*Essa também não foi planejada. A gente tava planejando, né, daí não foi planejada, aconteceu. E daí eu desconfiei no começo, porque ficou atrasada, e não era de atrasar. Aí eu fiz exame, e daí deu que eu tava gestante, tava grávida... Porque a gente queria primeiro era comprar uma casa pra poder sair da casa do meu pai e da minha mãe (Pérola, 22 anos, esperando o segundo filho).*

Duas das gestantes entrevistadas planejaram a segunda gestação. Em ambos os casos, este planejamento esteve relacionado às expectativas quanto ao sexo do bebê. Assim, a notícia da gestação foi motivo de felicidade e comemoração para o casal.

*É que a segunda gravidez a gente planejou, sabe. Daí... até porque nós queria uma guriuzinha, né. Daí até que eu parei de toma remédio e coisa, porque eu tomava aquela pílula fraca... daí eu não tomei mais nada. Como é que tu te sentiu quando tu viu...? Ah, eu fiquei faceira, porque já fazia uns quatro... é, uns quatro, cinco meses que a gente queria, né, e eu não engravidava (Esmeralda, 16 anos, esperando o segundo filho).*

*E essa segunda gravidez, como é que foi? Foi planejada também, a gente resolveu pegar, tentar ter um gurizinho né, que já tem uma guriuzinha, tentar ter um gurizinho, pra ficar um casalzinho e aí deu. E como é que foi a reação, assim, quando tu ficou sabendo que tava grávida? Foi a mesma coisa. Bom também, feliz (Rubi, 22 anos, esperando o segundo filho).*

## Vivência da gestação, parto e maternidade: percepções de jovens mulheres multíparas

M.Z. Delatorre, A.C.G. Dias & N.D. Patias

Em relação à participante que gestava pela terceira vez no momento da entrevista, sua gravidez também não fora planejada. Ela relata que apesar do susto da notícia, o fato de poder contar com a ajuda do companheiro a tranqüilizou.

*E essa tua terceira gestação, de agora, como é que foi pra ti receber a notícia, como é que aconteceu? Ah, pra mim quando eu soube que tava grávida, pra mim foi um susto, de novo. Foi já o terceiro susto que eu já levei. Mas depois eu fui me acostumando, que esse dessa vez tinha um pai do lado pra ajudar. Já as outras não teve (Jade, 17 anos, esperando o terceiro filho).*

Diante dos depoimentos, percebe-se como a vivência da segunda gestação é permeada por sentimentos tanto positivos quanto negativos, que diferem da gestação anterior. Parece que na segunda gestação houve uma maior ambivalência em função da notícia da gravidez: ora foi motivo de alegria, ora de desconforto. Estes sentimentos podem dizer respeito tanto à preocupação com os cuidados com os bebês ou com questões financeiras, quanto à sensação de uma melhor organização do núcleo familiar, que está se desenvolvendo.

Ante o fenômeno da gestação sucessiva, devemos nos questionar sobre os fatores que tornam as adolescentes vulneráveis à segunda, terceira ou quarta gestação e conseqüente maternidade. Dentre eles, Rosa e colaboradores (2007) destacam diferentes fatores: de ordem biológica (precocidade da menarca, primeira relação sexual precoce, abortos), vinculados a questões psicossociais (história familiar de gravidez adolescente, ausência do pai, abandono escolar), a aspectos afetivos (parceiro sexual fixo, parceiro que deseja um filho), a situação econômica, ao uso inadequado de métodos contraceptivos e a falta ou as dificuldades de acesso às tecnologias de saúde (exemplo: ausência de consulta médica pós-parto). Em nosso estudo encontramos que a repetição da gestação esteve-se associada ao início sexual precoce, à história familiar de gestação na adolescência, ao abandono escolar, a troca de parceiros na qual o novo parceiro quis ter um filho dele e ao uso inadequado (ou não uso) de métodos contraceptivos.

### Considerações finais

Ao se analisar a gestação e a maternidade na adolescência ou juventude devem-se compreender os significados sociais desses eventos para a adolescente e seu contexto, já que pode haver uma valorização da gravidez/maternidade.

Esses fenômenos podem estar associados a uma mudança de status da jovem, ou seja, relacionam-se à reafirmação de projetos de vida, construção de uma família, independência em relação aos pais e reconhecimento social.

Percebe-se que para as adolescentes provenientes de zonas urbanas desfavorecidas economicamente, a gravidez pode representar uma forma de valorização e reconhecimento social, através da construção de um novo núcleo familiar. Através dela as jovens vêm a ocupar um espaço de maior respeitabilidade no seu meio social, difícil de ser obtido de outra forma, devido à escassez de oportunidades de escolarização ou profissionalização muitas vezes enfrentadas por essas jovens. Esses aspectos podem ser vistos como fatores que podem tornar jovens mais vulneráveis às repetições de gravidez (gestação sucessiva). No entanto, como percebido nesse estudo, além desses elementos, a ausência ou o uso inadequado de métodos contraceptivos parece contribuir significativamente para a ocorrência da segunda e/ou terceira gestação.

Observamos que a segunda gravidez, de maneira geral, não se associa mais às características geralmente relacionadas, por alguns estudos, à gestação na adolescência. Ela não necessariamente representará a obtenção de um status adulto, ou se constituirá em uma tentativa de fuga de um meio familiar hostil ou, simplesmente, será fruto de um descuido de quem está descobrindo a sexualidade (DADOORIAN, 2003; DIAS & TEIXEIRA, 2010; GONTIJO & MEDEIROS, 2008; HOGA et al., 2010). A repetição da gestação e, conseqüentemente, da maternidade está relacionada, predominantemente, ao menos na amostra estudada, à constituição de um novo núcleo familiar, no qual o casal está ampliando a família, fundada a partir da ocorrência da primeira gestação.

A constituição de uma família parece ser algo muito gratificante para as jovens. Talvez isso ocorra em função de que algumas parecem provir de famílias com poucos recursos financeiros e afetivos. Nesse sentido, de modo geral, as jovens indicaram estar lidando bem com a maternidade e com a nova gestação.

No que diz respeito ao parto, todas afirmaram que não houve complicações, mesmo possuindo idade que seria considerada de risco. Apenas uma entrevistada indicou que teve um parto prematuro, mas sem maiores intercorrências clínicas. Essa ausência de problemas, como já indicado anteriormente, pode estar relacionada ao fato que todas haviam realizado pré-natal e estavam atualmente buscando esses cuidados para a gestação atual.

Por fim, destaca-se que esse estudo é exploratório e descritivo, realizado com uma amostra reduzida, que busca conhecer essa situação de repetições de gestações durante a adolescência. Pode-se observar que cada participante vivencia de maneira singular a gestação e a maternidade nesse período. Inclusive a forma como esses fenômenos são vividos podem modificar-se ao longo do tempo.

### **Vivência da gestação, parto e maternidade: percepções de jovens mulheres multíparas**

*M.Z. Delatorre, A.C.G. Dias & N.D. Patias*

Um exemplo disso é a própria aceitação da situação de gravidez pela gestante e pela família. Desta forma, considera-se importante a realização de outros estudos que investiguem mais profundamente diferentes aspectos da vida de mães jovens que apresentam gestações sucessivas, tais como processo de escolarização, projeto de vida profissional, relacionamento conjugal, relacionamento com os pais, entre outros; além da realização de estudos longitudinais que acompanhem tanto a jovem como outras pessoas significativas envolvidas na vivência desse fenômeno.

#### **Referências bibliográficas**

ALVES, C.A. & BRANDÃO, E.R. Vulnerabilidade no uso de métodos contraceptivos entre adolescentes e jovens: inserções entre políticas públicas e atenção à saúde. *Ciência & Saúde Coletiva*, 4(2): 661-70. 2009.

ARIÈS, P. *História social da criança e da família*. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Guanabara, 1981.

BADINTER, E. *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BERGAMASCHI, S.F.F. & PRAÇA, N.S. Vivência da puérpera-adolescente no cuidado do recém-nascido, no domicílio. *Rev. Esc. Enferm. USP*, 42(3): 454-60, 2008.

DADOORIAN, D. Gravidez na adolescência: um novo olhar. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 23(1): 84-91, 2003.

DIAS, A.C.G. & TEIXEIRA, A.M.P. Gravidez na Adolescência: um olhar sobre um fenômeno complexo. *Paidéia*, 20(45): 123-31, 2010.

ESTEVES, J.R. & MENANDRO, P.R. Trajetórias de vida: repercussões da maternidade adolescente na biografia de mulheres que viveram a experiência. *Estudos de Psicologia*, 10(3): 363-70, 2005.

FRIZZO, G.B.; KAHL, M.L.F. & OLIVEIRA, E.A.F. Aspectos psicológicos da gravidez na adolescência. *Psico*, 36(1): 13-20, 2005.

GODINHO, R.A. et al. Adolescentes e grávidas: onde buscam apoio? *Rev. latino-am. Enfermagem*, Ribeirão Preto, 8: 25-32, 2000.

GONÇALVES, H. & KNAUTH, D.R. Aproveitar a vida, juventude e gravidez. *Revista de Antropologia*, 49(2): 625-43, 2006.

- GONTIJO, D.T. & MEDEIROS, M. “Tava morta e revivi”: significado de maternidade para adolescentes com experiência de vida nas ruas. *Cadernos de Saúde Pública*, 24(2): 469-72, 2008.
- GUERREIRO, M.D. & ABRANTES, P. Como tornar-se adulto: processos de transição na modernidade avançada. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 20(58): 157-212, 2005.
- HOGA, L.A.K.; BORGES, A.L.V. & REBERTE, L.M. Razões e reflexos da gravidez na adolescência: narrativas dos membros da família. *Esc. Anna Nery Rev. Enferm.*, 14(1): 151-57, 2010.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Indicadores Sociodemográficos e de Saúde no Brasil*. Rio de Janeiro: IBGE, n. 25, 2009.
- JACOBY, M. et al. Rapid repeat pregnancy and experiences of interpersonal violence among low-income adolescents. *American Journal Preventive Medicine* 16(4): 318–211, 1999.
- JUSSANI, N.C.; SERAFIM, D.; MARCON, S.S. Rede social durante a expansão da família. *Rev. Brasileira Enfermagem*, 60(2): 184-89, 2007.
- LEVANDOWSKI, D.; PICCININI, C. & LOPES, R. Maternidade adolescente. *Estudos de Psicologia*, 25(2): 251-63, 2008.
- MAGALHÃES, M.L.C. et al. Gestação na adolescência precoce e tardia: há diferenças nos riscos obstétricos? *Rev Bras Ginecol Obstet.*, 28(8): 446-52, 2006.
- MALDONADO, M.T. *Psicologia da Gravidez*. 13ª Ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MAUCH, S.D.N. et al. Gravidez na Adolescência: um estudo sobre o problema em Santa Maria-DF. *Brasília MED*, 42: 16-23, 2005.
- MOREIRA, M.C. & SARRIERA, J.C. Satisfação e composição da rede de apoio social a gestantes adolescentes. *Psicologia em Estudo*, 3(4): 781-89, 2008.
- MOREIRA, T.M.M. et al. Conflitos vivenciados pelas adolescentes com a descoberta da gravidez. *Rev Esc Enferm USP*, 42(2): 312-20, 2008.
- OLIVEIRA, N.R. Maternidade de adolescentes de periferias sociais e urbanas: algumas análises à luz da Psicologia Ambiental. *Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano*, 15 (1): 69-77, 2005.
- PANTOJA, A.L. “Ser alguém na vida”: uma análise sócio-antropológica da gravidez/maternidade na adolescência, em Belém do Pará, Brasil. *Cadernos Saúde pública*, 19(2): 335-43, 2003.

**Vivência da gestação, parto e maternidade: percepções de jovens mulheres multíparas**

*M.Z. Delatorre, A.C.G. Dias & N.D. Patias*

PERSONA, L.; SHIMO, A.K.K. & TARALLO, M.C. Perfil de adolescentes com repetição da gravidez atendidas num ambulatório de pré-natal. *Revista Latino americana de Enfermagem*, 12(5): 745-50, 2004.

PICCININI, C.A. et al. Gestação e a constituição da maternidade. *Psicologia em Estudo*, 13(1): 63-72, 2008.

ROSA, A.J.; REIS, A.O.A. & TANAKA, A.C.d'A. Gestações Sucessivas na adolescência. *Revista brasileira de crescimento e desenvolvimento humano*, 17(1): 165-72, 2007.

ROSA, A.J. *Novamente grávida: Adolescentes com maternidades sucessivas em Rondonópolis – MT*. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

SABROZA, A.R.; LEAL, M.C.; SOUZA JR, P.R. & GAMA, S.G.N. Algumas repercussões emocionais negativas da gravidez precoce em adolescentes do município do Rio de Janeiro (1999-2001). *Cad. Saúde Pública*, 20 (1): 130-37, 2004.

SANTOS, A. & CARVALHO, C. Gravidez na adolescência: um estudo exploratório. *Boletim de Psicologia*, LVI(125): 135-51, 2006.

SANTOS, G.H.N.; MARTINS, M.G. & SOUSA, M.S. Gravidez na adolescência e fatores associados com baixo peso ao nascer. *Rev Bras Ginecol Obstet.*, 30 (5): 224-31, 2008.

SANTOS, S.R. & SCHOR, N. Vivências da maternidade na adolescência precoce. *Rev. Saúde Pública*, 37(1): 15-23, 2003.

SILVA, L. & TONETE, V.L.P. A gravidez na adolescência sob a perspectiva dos familiares: compartilhando projetos de vida e cuidado. *Rev. Latino-Am. Enfermagem*, 14(2): 199-206, 2006.

SOUSA, M.C.R. & GOMES, K.R.O. Conhecimento objetivo e percebido sobre contraceptivos hormonais orais entre adolescentes com antecedentes gestacionais. *Cad. Saúde Pública*, 25(3): 645-54, 2009.

YAZLLE, M. Gravidez na adolescência. *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, 28(8): 443-45, 2006.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. Adolescent health & development, 2009. Disponível em: <<http://www.searo.who.int/en/Section13/Section1245.htm>>. Acesso em 20 de Abril de 2009.